



Vivência de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) em Empreendimentos Econômicos Solidários na FETRAF/RN – São Paulo do Potengi/RN

Área Temática: Projetos Sociais e/ou Solidários

Sandra Rufino¹, Ana C. B. Araújo², Ana L. M. Gadêlha³, Andressa K. de S. Damasceno⁴,
Andrielle M. de Lima⁵, Pedro G. A. Câmara⁶, Rosanya M. de G. Azevedo⁷.

1 Professora do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Projetos de Engenharia e Gestão Aplicados ao Desenvolvimento Ambiental e Social da UFRN – PEGADAS/UFRN, ssrufino@yahoo.com.br

2 PEGADAS/UFRN – acb.araujo@hotmail.com

3 Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Natal-RN – lu_gadelha@hotmail.com

4 PEGADAS/UFRN – andressa.damasceno1@gmail.com

5 PEGADAS/UFRN – andrielle_mirandadelima@hotmail.com

6 PEGADAS/UFRN – pedroguimaraes@bct.ect.ufrn.br

7 PEGADAS/UFRN – rosanyamarques@gmail.com

Resumo

Os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) se caracterizam por seguirem os princípios da Economia Solidária e se guiarem nessa alternativa à exploração do trabalho típica ao capitalismo. A adaptação dos membros dos EES a esses princípios é uma construção contínua e, na prática, observa-se que existem dificuldades recorrentes, tanto nas práticas gestionárias quanto na formação desses membros. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar a vivência da aplicação do modelo construído de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) utilizado em um EES na FETRAF/RN, o Coletivo de Mulheres da FETRAF. O método foi aplicado pelo Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão PEGADAS/UFRN, em parceria com a INICIES/UFRN, e desenvolvido com base em pesquisas bibliográficas e adaptação de materiais para melhor aplicabilidade à realidade do Coletivo. Os resultados daí advindos tem o intuito de servir como modelo replicável para outros EES, de forma que eles possam extrair benefícios para suas atuações e se fortaleçam no processo de autoavaliação e na concepção de soluções viáveis.

Palavras-chave: Diagnóstico Rápido Participativo; Economia Solidária; Empreendimentos; Coletivo de Mulheres FETRAF/RN.

1 Introdução

A Economia Solidária (ES) é uma realidade trabalhada no país como uma ferramenta para o desenvolvimento socioambiental e econômico, que foge da conjuntura competitiva das organizações que disputam espaço no sistema econômico capitalista. A partir dos seus princípios de valorização social do trabalho humano, valores da cooperação e solidariedade, reconhecimento da mulher e do feminino, entre outros, busca propiciar melhorias na qualidade de vida de pessoas que vivem à margem do setor capitalista hegemônico.



Para Singer (2002, p. 09):

A economia solidária é um modo de produção paralelo ao capitalismo e seus princípios básicos são: a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual (que vão de encontro aos princípios do capitalismo: propriedade privada e acúmulo de capital). E o resultado natural disso é a igualdade e a solidariedade. No entanto, a produção precisa de um mecanismo estatal de distribuição solidária da renda.

O autor também compara solidariedade e competição na economia. Apresenta para esta duas vantagens: liberdade de escolha do produto que melhor nos atenda e uma competição para melhora do produto. Mas, para o autor, a competição acaba dando mais a quem tem mais e não dando nada a quem menos tem, acarretando em uma divisão social muito evidente onde estes, para manterem-se, vendem sua mão de obra àqueles. Essas vantagens e desvantagens acabam sendo herdadas pelas gerações futuras. E, segundo Singer, em uma sociedade mais igualitária predominaria uma economia solidária em vez da competição. Cada ator dessa sociedade deve desenvolver um papel fundamental e complementar ao de seus companheiros, que devem unir-se para produzir, comerciar, consumir ou poupar igualmente. Singer (2002, p.09) resume a Economia Solidária como “a chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais”.

Conhecendo esse contexto, o núcleo multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão Projetos de Engenharia e Gestão Aplicados ao Desenvolvimento Ambiental e Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (PEGADAS) apresenta a perspectiva de apoiar e fortalecer a atividade e a viabilidade (econômica, social, técnica, ambiental, cultural e política) de empreendimentos econômicos solidários (EES: cooperativas, associações, grupos informais etc), organizações culturais (OC: grupos de dança, música e teatro, pontos de cultura, ONGs, etc), redes e cadeias produtivas por meio de assessoria e formação em gestão, inovação e tecnologia sociais, contribuindo, assim, para a inclusão social desses grupos e para o desenvolvimento territorial de maneira sustentável e coletiva.

As ações de extensão desta proposta são baseadas na pesquisa-ação, cuja geração do estudo-ação é resultante de diálogos entre a equipe do grupo PEGADAS e organizações, empreendimentos ou setores que apresentam demandas gerando as propostas de atuação que consideram as implicações da intervenção técnica. Visa a construção social do conhecimento, pautada na crítica, emancipação e reflexividade das ações cotidianas desses trabalhadores, produzindo conjuntamente (comunidade e universidade) efetivas soluções para seus problemas e demandas. O grupo PEGADAS nasceu da união de professoras, professores e estudantes da engenharia e áreas afins (ciência e tecnologia, engenharia de produção, ambiental, mecânica, materiais e civil) que compartilham da visão de que o trabalho de engenheiros e engenheiras tem uma função social que vai além da aplicação de técnicas, desenvolvendo-se também em uma rede de relações e que deve voltar-se à melhoria da qualidade de vida de toda a sociedade. Assim sendo, está focado no desenvolvimento de conhecimentos e prática profissional de forma multidisciplinar e integrando o tripé ensino-pesquisa-extensão.



Em sua organização interna, o PEGADAS se divide em Grupos de Trabalho (GT) para melhor coordenar suas ações, sendo o GT EES o responsável por atuar diretamente com a assessoria relacionada à gestão aos EES, produzindo também materiais que serão necessários para as formações e se articulando com os empreendimentos da Economia Solidária que buscam o grupo.

Nesse viés de atuação, o GT EES realizou um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) com o Coletivo de Mulheres da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar do Estado do Rio Grande do Norte (FETRAF/RN) situado no município de São Paulo do Potengi/RN. Isso aconteceu como a etapa inicial de um processo de assessoria, a fim de levantar informações e caracterizar a realidade da FETRAF para construção de plano de ações de formação e assessoria ao Coletivo. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência do grupo com a aplicação do DRP nesse Coletivo, descrevendo a experiência e relatando o processo da construção da metodologia, aproximação do grupo cujo DRP foi aplicado e os resultados daí advindos.

2 Revisão teórica

A seguir serão abordadas as temáticas conceituais que permearam as ações e metodologia do PEGADAS no trabalho junto a FETRAF/RN.

2.1 A importância do planejamento

Qualquer tipo de organização precisa de menor ou maior grau a realização de planejamento para orientar suas ações para manutenção de sua existência e/ou seu desenvolvimento.

O processo de planejamento para os autores Ferreira, Reis e Pereira (2002), consiste em definir hoje (no presente) a situação futura da organização, considerando valores, capacidade gerencial, responsabilidade na sociedade e os sistemas administrativos de tomada de decisão. Kotler (2000) define o planejamento como um processo gerencial onde a organização deve buscar um alinhamento ideal entre suas habilidades e recursos, com as oportunidades disponíveis no mercado.

O planejamento consiste em tomar decisões que conscientemente influenciam o futuro. É importante pois estimula os atores envolvidos a pensarem nos fatores que interferem (ou que venham a interferir) na continuidade ou nos resultados da organização (SIGOLO *et al*, 2011).

Para empreendimentos da economia solidária o planejamento é tão necessário quanto nas empresas. Pensar viabilidade e sustentabilidade que dialoguem com a economia solidária é também planejar. Entretanto planejar sem ter conhecimento da realidade é um esforço em vão.

Segundo Oliveira (2003) um dos primeiros passos do planejamento é o diagnóstico, que permite a organização conhecer sua real situação, pois um levantamento errado das informações poderá comprometer todo o planejamento.



2.2 Diagnóstico

O diagnóstico permitirá a organização mapear seus pontos fortes, oportunidades, fraquezas e ameaças a partir de uma análise interna e externa a organização. (OLIVEIRA, 2003; SÍGOLO et al, 2011). Quanto maior o detalhamento e participação dos envolvidos na organização, melhor e mais real será a avaliação sobre a sua situação.

Com o diagnóstico é possível construir cenários futuros, e redefinir e alinhar as estratégias de acordo com a situação levantada, buscando minimizar incertezas e elencando prioridades.

Existem metodologias diferentes para realização dessa fase do planejamento das ações. A escolha depende do grau de participação que se quer e o tempo disponível para realização. O Pegadas atua com assessoria de empreendimentos em que a participação coletiva é prioritária e pela falta de recursos para os encontros, bem como a distância entre os empreendimentos, a metodologia do Diagnóstico Rápido Participativo é a mais adequada.

2.3 A ferramenta de Diagnóstico Rápido Participativo

Para o trabalho com grupos coletivos é importante o uso de ferramentas que permitam compreender a situação e os desafios dos empreendimentos e definir a prioridade do trabalho.

Para Gomes *et al* (2001), o conceito de participação, no âmbito dos processos de diagnósticos e planejamentos participativos, pressupõe divisão de poder no processo decisório, passando pelo controle das partes sobre a execução e a avaliação dos resultados pretendidos.

Dentre as metodologias de planejamento e diagnóstico participativos se encontra o Diagnóstico Rápido Participativo, com origem nos trabalhos de Robert Chambers, nos Estados Unidos (SOUZA, 2009). A metodologia permite a rapidez na obtenção de dados importantes para a promoção de diagnóstico e ações estratégicas de grupos coletivos.

Essa ferramenta serve para ajudar organizações no diagnóstico do desempenho de suas atividades, de forma a que os agentes externos (aplicadores do DRP) não interfiram no processo, e as soluções e problemáticas sejam apontadas pelo grupo: o DRP serve como um mediador para que o grupo consiga encontrar suas próprias necessidades e deficiências. Permite ao grupo um processo participativo que proporciona a auto-avaliação e capacidade reflexiva sobre suas ações e vivência no cotidiano.

Sobre a linguagem e recursos que o método exige, são esses adaptáveis à realidade local do coletivo envolvido, de forma que os coletivos possam, por eles mesmos, apontar as causas e as possíveis soluções para os problemas levantados. O DRP deve ser executado com linguagem clara e objetiva, permitindo ao grupo sentir-se à vontade. As técnicas de diagnóstico e planejamento participativo devem valorizar, o processo de obtenção de informações. Este processo é também um processo de formação e discussão política da comunidade. Os dados devem ser utilizados, principalmente, pela própria comunidade. (SOUZA, 2009).



Essa ferramenta ajuda a criar indicadores qualitativos que permitem a priorização dos principais problemas e apontamento das soluções junto aos atores participantes do diagnóstico. O DRP requer a participação de pessoas protagonistas envolvidas de forma efetiva e pressupõe uma disposição da equipe de pesquisadores em fazer uso da dialogicidade pensada conforme os modelos de Paulo Freire. Além do diálogo interdisciplinar, há a troca entre os saberes científico e empírico (popular) que se tornam complementares e geram sinergia.

3 Metodologia

Os tópicos a seguir discorrerão sobre a metodologia de como foi construída a proposta e o próprio modelo do DRP.

3.1 Construção da metodologia proposta do DRP

Entre suas vertentes de atuação, o PEGADAS trabalha com assessoria em gestão aos empreendimentos econômicos solidários (EES), oferecendo ferramentas e suporte teórico para que a gestão desses grupos seja melhor utilizada, potencialize suas ações e fortaleça empreendimentos. Nesse aspecto, o PEGADAS firma parcerias com outros grupos que possuem trabalho complementar dentro da ES, como é o caso da parceira com a Incubadora de Iniciativas de Empreendimentos Econômicos Solidários (INICIES) da UFRN. A INICIES é um programa de extensão que objetiva atuar com EES e pessoas envolvidas direta ou indiretamente e, neste caso, por ser parceira, encaminha algumas demandas dos EES para o PEGADAS sobre formação na área de gestão.

Assim, por intermédio da INICIES, o PEGADAS recebeu a demanda vinda do Coletivo de Mulheres da FETRAF e foi estabelecida a parceria para trabalhar em conjunto com a INICIES. Para atender a demanda do Coletivo foram feitas reuniões do PEGADAS junto com a INICIES para verificar a melhor metodologia para identificação dos problemas principais do grupo.

A FETRAF/RN é uma entidade civil de representação sindical de segundo grau, com âmbito estadual e atuação em mais de 65 municípios, e tem como objetivo defender, promover e organizar um novo modelo de desenvolvimento rural sustentável e solidário, baseado na convivência com o semiárido e na agricultura familiar, construindo experiências de produção orgânica e agroecológica, garantindo a preservação do meio ambiente, a segurança e a soberania alimentar.

As mulheres da FETRAF, a partir de sua articulação e necessidade de estruturar o que produzem e sua comercialização, decidiram formar uma cooperativa. Para preparo das mulheres que visaram compor esse grupo, optou-se pela realização de formações política e de gestão.

Foi construída coletivamente entre representantes do PEGADAS, INICIES e FETRAF uma metodologia de DRP a fim de que se levantassem as principais demandas e problemáticas da FETRAF para posteriormente propor as temáticas de formação política e técnicas de gestão. A proposta continha proposição de datas, conteúdos e foram validadas pelo Coletivo de Mulheres, sendo detalhada nos tópicos subsequentes.



3.2 Construção do Modelo de DRP

Para construir o modelo do DRP, a equipe do PEGADAS realizou estudos acerca da temática e elaborou proposta com material adequado à situação dos empreendimentos da FETRAF. A partir daí, criou um modelo de DRP adaptado para a realidade do Coletivo de Mulheres. Tendo como base as atividades desenvolvidas pelo Coletivo de Mulheres que participam de processamento de alimentos (bolos, doces), produção de alimentos (frutas, hortaliças), artesanato e criação de animais. Foi pensado na divisão do levantamento de 5 problemáticas através de 5 eixos temáticos: Político, Ambiental, Financeiro, Social e Técnico.

4 A Vivência do DRP junto a FETRAF

4.1 Experiência com a aplicação do modelo de DRP em um EES

O PEGADAS após a revisão teórica sobre o tema elaborou uma proposta de DRP que foi apresentada e debatida nas reuniões com a INICIES e a representante do Coletivo de Mulheres da FETRAF/RN. A versão final da metodologia proveniente destas reuniões foi validada pelo Coletivo de Mulheres e aplicado.

O DRP com o Coletivo de Mulheres do Potengi foi realizado no dia 14/10/2014 na cidade de São Paulo do Potengi/RN. O processo teve início com a apresentação dos componentes do PEGADAS, da INICIES e a apresentação das mulheres do Coletivo e suas respectivas cidades. O momento seguinte foi o de divisão do coletivo em grupos, para facilitar o processo de aplicação do DRP.

A proposta inicial era fazer a divisão por tipo de atividade desenvolvida por cada empreendimento, sendo estas: processamento de alimentos (bolos, doces); produção de alimentos (frutas, hortaliças); artesanato; e criação de animais. Devido ao número de participantes optou-se por, ao invés de fazer um grupo para cada tipo de atividade, dividir as participantes em dois grupos, em que representantes de uma mesma cidade e/ou mesmo empreendimento estivessem em grupos diferentes, a fim de que pudesse ser levantado os aspectos e características de cada localidade nos diversos eixos apresentados.

Os grupos, em conjunto com representantes do PEGADAS e da INICIES, dividiram suas experiências e dificuldades a partir de um questionário (ver Tabela 1) com perguntas gerais que se dividiam em seis eixos: o político, ambiental, social, técnico, econômico e de comercialização. Para cada eixo os dois grupos apresentaram cinco problemáticas cada, e no momento seguinte estas foram expostas coletivamente e foi definido quais temáticas seriam prioritárias para o coletivo. Com as temáticas definidas passou-se para o momento de feedback, no qual as mulheres do coletivo expuseram o que acharam da metodologia do DRP, além das definições de datas para encontros futuros a fim de dar continuidade com as formações sobre os temas propostos.



Quadro 1 - METODOLOGIAS DE PERGUNTAS GERAIS. Fonte: autoria própria (2014).

| DRP METODOLOGIAS DE PERGUNTAS GERAIS | |
|--|-----------------------------|
| Eixos | Problemas levantados |
| Político | |
| Direitos trabalhistas? Visibilidade de Gênero? Burocracia/Documentos | |
| | |
| Ambiental | Problemas levantados |
| Problemas com recursos naturais? Solo? Água? Ervas daninhas/Pragas? | |
| | |
| | |
| Social | Problemas levantados |
| Capacitação? Formação? Saúde? Ergonomia? | |
| | |
| | |
| Técnica | Problemas levantados |
| Ferramentas? Como trabalha? | |
| | |
| | |
| Econômica | Problemas levantados |
| Recursos e fundos - captação; fluxo de caixa; | |
| | |
| | |
| Comercialização | Problemas levantados |
| Ponto de vendas; Preços; Custos; Estocagem; Logística; Distribuição | |
| | |
| | |

4.2 Resultados da aplicação do DRP

A seguir apresentamos quadro síntese do levantamento das temáticas/problemáticas de formação levantadas a partir das problemáticas e necessidades nos quatro eixos.



Quadro 2 - Síntese do levantamento das temáticas/problemáticas Fonte: autoria própria (2014).

| Tema | Diagnóstico |
|------------|--|
| Político | Faltam de articulação e apoio político por parte dos gestores públicos alguns sindicatos e alguns agricultores para o fortalecimento e visibilidade da agricultura familiar. Aquisição dos selos (Passo-a-passo) |
| Ambiental | Agroecologia/Permacultura |
| Financeiro | Gestão financeira do empreendimento. Formação sobre finanças solidárias (Bancos solidários, cooperativas de crédito). Comercialização: Marketing e divulgação |
| Social | Formação sobre as políticas públicas voltadas para a agricultura familiar. Formação sobre Economia solidária; Cooperativismo e associativismo. Formação sobre questões de gênero. Formação sobre saúde do trabalhador |
| Técnica | Aperfeiçoar as ferramentas de trabalho. Assessoria técnica. |

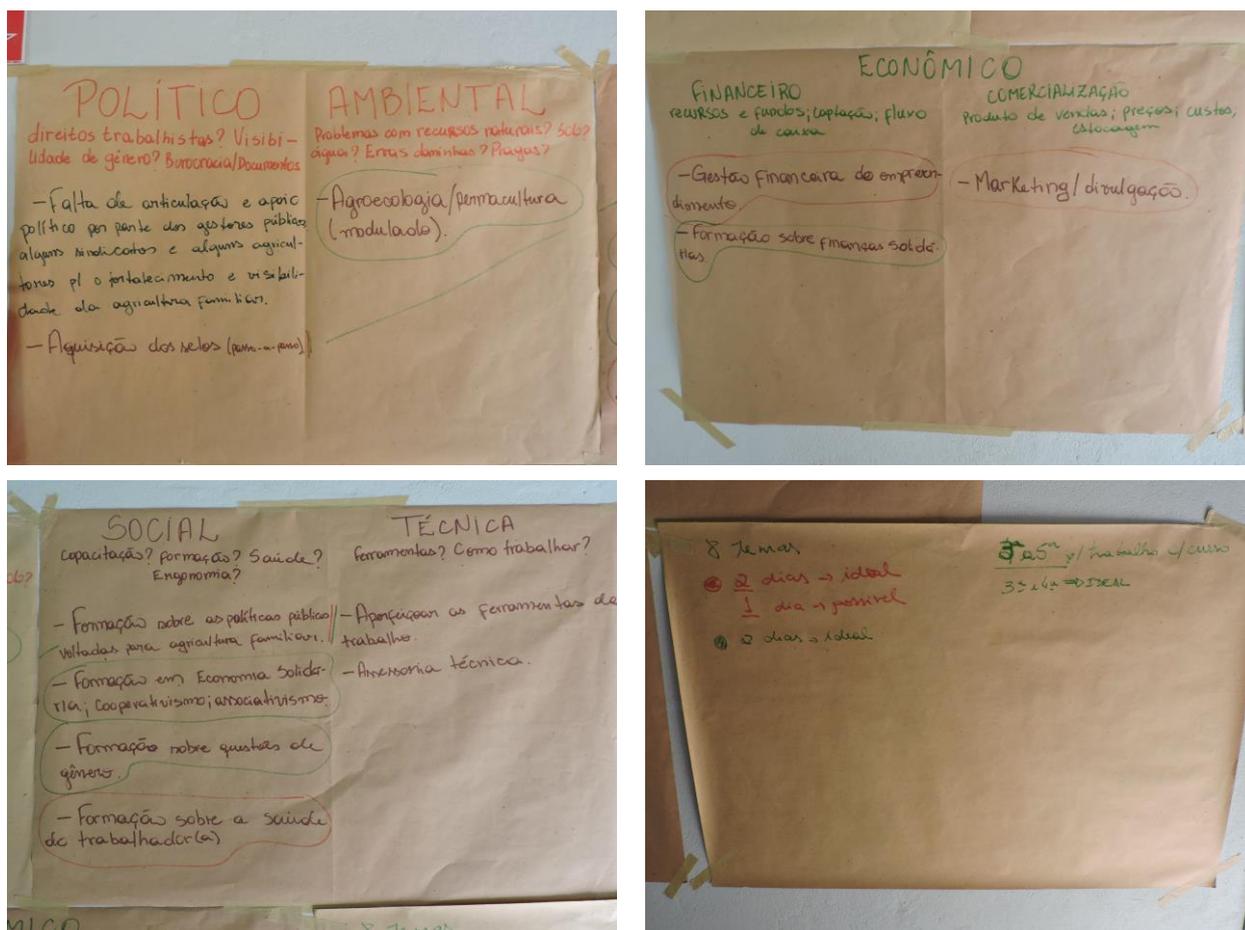


Figura 1 – Temáticas levantadas no DRP com Coletivo de Mulheres da FETRAF/RN. Fonte: autoria própria (2014)



Figura 2 - Aplicação de DRP com Coletivo de Mulheres da FETRAF/RN. Fonte: autoria própria (2014)

Após a análise do Coletivo de Mulheres consensuou-se entre PEGADAS e INICIES a separação das temáticas. Os temas a serem trabalhados pelo PEGADAS foram os mais relacionados à parte de gestão e técnica, são eles: Formação Sobre Saúde no Trabalho; Gestão Financeira do Empreendimento; Marketing; Mapeamento das Políticas Públicas Voltadas a Agricultura Familiar e descrição dos programas. E a INICIES com os temas: Agroecologia e Permacultura, Finanças Solidárias, Formação em Economia Solidária, Cooperativismo e Associativismo e Formação em Gênero, tendo sido já realizadas as formações de Agroecologia e Permacultura e sobre Gênero.

A partir dos resultados obtidos através do levantamento das temáticas, o PEGADAS iniciou a produção de cartilhas técnicas e formativa para formação do Coletivo de Mulheres, usando o material para facilitar a gestão nos empreendimentos. O intuito é dar continuidade na construção de mais cartilhas relacionadas à gestão conforme a demanda dos empreendimentos que forem assessorados pelo PEGADAS.

As cartilhas estão em processo de finalização, sendo parte da Série “Ferramentas de Gestão para EES”. Estão sendo produzidos cinco volumes (ver Figura 3): Volume I - Saúde no Trabalho; Volume II - Gestão Financeira; Volume III - Marketing; Volume IV - Captação de Recursos e Políticas Públicas para a Agricultura Familiar; e Volume V - Plano de Negócios.



Figura 3 – Cartilhas da Série Ferramentas de Gestão para EES ainda em desenvolvimento. Fonte: autoria própria (2014)

5 Conclusões

O presente trabalho visou expor o processo de construção do DRP para um EES, e como essa vivência aqui relatada pode inspirar outros empreendimentos da ES em suas práticas. O DRP precisa ser considerado mais que o simples exercício de diagnóstico e coleta de dados, bem como não pode ser considerado apenas um pacote de técnicas a serem utilizadas indiscriminadamente. Sua principal característica reside no fato de representar uma metodologia aberta, sobre a qual pode-se construir novos caminhos, técnicas de maneira formativa, participativa e emancipatória.

Em virtude da experiência realizada e do que foi mencionado no decorrer do artigo, os resultados obtidos com o DRP aplicado no Coletivo de Mulheres do Potengi puderam esclarecer que, de forma interativa e conjunta com o empreendimento, foi possível detectar os problemas e suas causas e, assim, proporcionar soluções que o mesmo enfrenta, de forma mais consciente e palpável ao sentimento do empreendimento, com a dialogicidade freireana e interdisciplinar entre os saberes acadêmico e do empreendimento.

Os resultados após a aplicação do diagnóstico para o PEGADAS foram as informações que guiaram a elaboração de cartilhas de gestão para EES, as quais pudessem se aprofundar sobre os assuntos técnicos necessários para atender o empreendimento. Porém, o Coletivo de Mulheres apresentou agenda incompatível com o GT EES e dificuldades para deslocamento, para que, assim, pudessemos apresentar as cartilhas e explanar um curso sobre essas cartilhas e suas temáticas. O trabalho continua em desenvolvimento com a elaboração de materiais para formações em assessorias a outros empreendimentos, esperando-se que para futuras intervenções às futuras necessidades apontadas, os empreendimentos possam ter autonomia para tomar as devidas medidas e soluções.



6 Referências Bibliográficas

FERREIRA, Ademir A, REIS, Ana C. F, PEREIRA, Maria I. **Gestão empresarial: de Taylor aos nossos dias.** São Paulo: Pioneira, 2002. 256p.

GOMES, M. A. O. et al. **Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) como mitigador de impactos socioeconômicos negativos em empreendimentos agropecuários.** In: BROSE, M. Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, p. 63-78, 2001.

KOTLER, Philip. **Administração estratégica.** 10ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000. 764p.

LISBOA, T. K.; PINHEIRO, E. A. A intervenção do Serviço Social junto à questão da violência contra a mulher. **Revista Katálisis**, v.8, p. 199-210, 2005.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho R. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologias e práticas.** 19ª ed. São Paulo: Atlas, 2003. 337p.

SÍGOLO, V M; BRAZ, J O B; MASCARENHAS, T S; RUFINO, S; FERRAZ, Fabiana. **Autogestão, Planejamento e Viabilidade de Empreendimentos Solidários.** São Paulo:UNISOL Brasil, 211. 115p

SINGER, P.I. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002, p. 07-23.

SOUZA. Murilo Mendonça Oliveira de. **A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS DE DIAGNÓSTICO E PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO EM ASSENTAMENTOS RURAIS: O DIAGNÓSTICO RURAL/ RÁPIDO PARTICIPATIVO (DRP).** EM EXTENSÃO, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 34 - 47, jan./jul. 2009.